



*Organizadora*

Maria Cecília Pereira da Silva

# Sexualidade começa na infância

*3ª edição revista e ampliada*

PSICANÁLISE & EDUCAÇÃO

**Blucher**

# SEXUALIDADE COMEÇA NA INFÂNCIA

Organização

Maria Cecília Pereira da Silva

Revisão técnica

Maria Cecília Pereira da Silva

Patricia Oliveira de Souza

*3ª edição revista e ampliada*

*Sexualidade começa na infância*

© 2007 Maria Cecília Pereira da Silva

1ª edição – Casa do psicólogo, 2007

2ª edição – Editora Artesã, 2019

3ª edição – Blucher, 2023

Editora Edgard Blucher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonatas Eliakim

*Produção editorial* Lidiane Pedroso Gonçalves

*Preparação de texto* Vânia Cavalcanti

*Diagramação* Negrito Produção Editorial

*Revisão de texto* Ana Lúcia dos Santos

*Capa* Leandro Cunha

*Imagem da capa* João Luiz Pereira da Silva

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sexualidade começa na infância / organizado por Maria Cecília Pereira da Silva ; revisão técnica por Patricia Oliveira de Souza. – 3ª ed. revista e ampliada – São Paulo : Blucher, 2022.

306 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-422-3

1. Psicanálise. 2. Educação sexual para crianças. 3. Homossexualidade. I. Silva, Maria Cecília Pereira da. II. Souza, Patrícia Oliveira de.

22-4699

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise 2. Educação

# Conteúdo

Prefácio	11
Apresentação	15
<b>Parte I. Introdução</b>	<b>17</b>
1. Diálogo sobre sexualidade: da curiosidade à aprendizagem <i>Maria Cecília Pereira da Silva</i>	19
2. Educar nos tempos de hoje <i>José Ottoni Outeiral</i>	29
3. Características da sexualidade infantil de 0 a 6 <i>Maria Cecília Pereira da Silva</i>	55
4. Novas configurações familiares: identidade de gênero <i>Regina Elizabeth Lordello Coimbra</i>	81

<b>Parte II. Falando de temas difíceis</b>	<b>97</b>
5. Masturbação infantil	99
<i>Francisca Vieitas Vergueiro, Rosa Maria de Mello Galli</i>	
6. Homossexualidade em crianças: será que isso existe?	109
<i>Adriana Canepa Barbosa, Priscila de Oliveira Galvani</i>	
7. Violência sexual infantil	123
<i>Maria Cecília Pereira da Silva, Patricia Oliveira de Souza, Zélia dos Santos</i>	
<b>Parte III. Lidando com as diferenças</b>	<b>143</b>
8. A sexualidade em crianças com deficiência	145
<i>Carina Gambale, Maria Cecília Pereira da Silva, Patricia Oliveira de Souza</i>	
9. Aids, crianças e as escolas	165
<i>Kátia Rodrigues Antunes, Solange de Souza Queiroz Matos</i>	
<b>Parte IV. Orientação sexual na escola</b>	<b>175</b>
10. O trabalho de sexualidade na escola e os pais	177
<i>Carina Alvarez Gambale, Francisca Vieitas Vergueiro, Maria Cecília Pereira da Silva</i>	
11. Como ser multiplicador	187
<i>Lucimar Medeiros Cabral França, Maria Cecília Pereira da Silva, Rodrigo de Marco Veinert</i>	

<b>Parte V. O projeto de orientação sexual infantil na rede municipal de educação de São Paulo: planejamento e estruturação</b>	<b>195</b>
12. Orientação sexual nos CEI: um trabalho inédito na SME da cidade de SP	197
<i>Maria Cecília Pereira da Silva</i>	
13. Uma experiência de avaliação cooperativa	203
<i>Mary Ann Norris Castanho Rondas</i>	
<b>Parte VI. Colocando em prática</b>	<b>227</b>
14. Reflexos do projeto: atividades realizadas pelos educadores nos Centros de Educação Infantil	229
<i>Leticia de Jesus Mello Gonçalves, Rosely Aparecida Pereira, Mary Ann Norris Castanho Rondas</i>	
15. Relato de duas experiências de supervisão	253
<b>Parte VII. Dicas</b>	<b>263</b>
Dicas para ler, assistir e refletir	265
Agradecimentos	301
Sobre os autores	303

# 1. Diálogo sobre sexualidade: da curiosidade à aprendizagem<sup>1</sup>

*Maria Cecília Pereira da Silva*

Apesar de todos os trabalhos desenvolvidos por Freud, ainda no início do século passado, apontando a existência da sexualidade infantil, apesar da curiosidade natural das crianças a respeito de sua origem e das dificuldades emocionais decorrentes de quando elas não conseguem ter respondidas as questões que apresentam, alguns preconceitos e tabus dificultam que pais e educadores lidem adequadamente com as manifestações das crianças relativas a essa temática.

Antes mesmo de nascermos, a sexualidade já está presente. Ela se inicia no exercício da maternidade, aliás muito antes, quando surge o desejo de se ter um filho, quando o embrião foi fecundado em uma relação sexual, em que se supõe que um casal experimentou o prazer. A partir do momento em que os futuros

---

<sup>1</sup> Parte deste Capítulo foi publicada em: [Autores diversos]. (2003). Caderno Temático de Formação 1 – Leitura de mundo, letramento e alfabetização: diversidade cultural, etnia, gênero e sexualidade. *Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica – n. 1*, São Paulo: SME/ATP/DOT.

pais descobrem que estão esperando um bebê, inicia-se, no imaginário materno e paterno, a constituição desse sujeito, o bebê. Isto é, os pais começam a imaginar se será um menino ou uma menina, qual será a cor dos olhos e dos cabelos, qual será seu nome, e a construir expectativas sobre quem será. As marcas culturais da construção social da sexualidade, na montagem da identidade de gênero, já começam a ser impressas desde aí, no lugar a ser destinado ao futuro bebê.

A sexualidade segue sendo construída nas primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe e com o pai, ou com quem cuida dele. Agregam-se as relações com a família, os amigos e as influências do meio cultural. Quando nascemos, nossa percepção é toda sensorial, e nosso corpo, também. É pelo corpo que sentimos o mundo. Os primeiros contatos da mãe com o bebê no banho, na amamentação e todos os outros carinhos, as trocas de olhar e o ninar fazem com que ele sinta muito prazer e sinta-se vivo. Tudo isso compõe gradativamente as primeiras sensações sensuais e será a base para o desenvolvimento da resposta erótica, da capacidade de construir os vínculos amorosos e do desejo de aprender. Esse prazer, se não nos “robotizarmos” demais com a vida adulta dura que vivemos, manifestar-se-á em um corpo todo erótico.

A curiosidade sexual é a principal responsável pelo despertar da aprendizagem. Ela e o desejo de saber se manifestam logo no início da nossa vida. É por meio deles que compreendemos de onde e como viemos ao mundo, e isso nos leva a querermos entender como funciona e o que é o resto das “coisas” do mundo. Assim, começamos a conhecer e a pensar. Quando podemos levantar hipóteses, unir as ideias, construir teorias, podemos pensar. Quando podemos pensar, podemos conhecer e estabelecer relações afetivas. Os vínculos afetivos também são ligações que resultam do desejo de saber e de conhecer o outro.

A sexualidade se manifesta ao longo de toda a nossa vida. Suas manifestações estão presentes em conversas, brincadeiras, jogos, relacionamentos e dramatizações em grupo ou individuais. Ela está presente nos momentos em que o sujeito está interagindo afetivamente com outro ou outros e quando está isolado, só ou em momentos reflexivos.

Quando somos crianças, a curiosidade sexual se expressa por meio de perguntas e, principalmente, por meio de jogos e brincadeiras. A brincadeira sexual tem para a criança um sentido diferente daquele que é dado pelo adulto e é fundamental e sadia para o seu desenvolvimento emocional e intelectual. Além dos impulsos sexuais, expressamos também os impulsos hostis, e ambos são responsáveis pela criatividade enquanto expressão original de nós mesmos no mundo.

Diante da curiosidade sexual da criança, é muito importante, antes de tudo, entendermos a pergunta e verificarmos o que a criança quer saber. Ao compreendermos a amplitude e o conteúdo da pergunta, devemos dar uma resposta cientificamente correta e objetiva e corrigir informações errôneas: devemos responder sempre, mesmo que seja para dizer que não sabemos. Quando encontramos desde pequenos alguém próximo a nós – como um familiar, um amigo, ou um educador de nossa confiança –, que pode responder verdadeiramente às nossas questões, mantemos vivos dentro de nós a esperança e o desejo de sempre podermos vir a conhecer.

A forma de a criança compreender o mundo se dá por meio das fantasias, uma maneira não elaborada, não amadurecida de pensamento. Somente com o tempo e por meio de um confronto entre a fantasia e a realidade – que lhe é apresentado e decodificado pela mãe ou pela pessoa que exerce essa função – é que a criança poderá crescer e desenvolver-se. Esse processo, no entanto, é

lento, demorado e desenvolve-se durante muitos anos de sua vida, inclusive ao longo de sua vida escolar.

A principal maneira pela qual a criança, desde bem pequena, interfere no mundo, interage e comunica-se é pelo brincar. Enquanto os adultos se utilizam basicamente da linguagem oral para se comunicarem, a criança o faz por meio da brincadeira e do jogo. Ao brincarem, as crianças vivenciam conflitos, expressam sentimentos, vivem na fantasia diferentes papéis, inclusive os identificatórios, como os papéis parentais.

O brincar e a curiosidade sexual são indicativos de um desenvolvimento infantil sadio e criativo. A criança que não está muito angustiada pode brincar, investigar seu corpo e o mundo de forma criativa. Sem o brincar, algumas ideias e fantasias se tornariam totalmente insuportáveis, o que acarretaria um desequilíbrio grave para o seu ego, que ainda é muito frágil.

É necessário observarmos sempre se uma criança apresenta uma dificuldade no brincar, no aprendizado ou no contato social. Devemos, também, estar atentos às brincadeiras muito repetitivas, tanto as de caráter sensual como as que não tenham essa característica, mas que nos revelem que há um nível de angústia excessiva em determinada criança, pois podem resultar de problemas emocionais que geram consequências para a aprendizagem e para seu desenvolvimento geral. Procura-se, assim, favorecer um espaço real de comunicação e alívio dessa angústia; às vezes, isso só é possível buscando-se a ajuda de um profissional especializado.

É importante destacar que, quando conversamos sobre questões ligadas à sexualidade, possibilitamos a elaboração de dúvidas que muitos carregam desde a infância, assim como desvendamos e nomeamos tabus e preconceitos que carregamos. Dessa forma, há mais possibilidades de incluirmos o prazer na vida e, conseqüentemente, toda a energia bloqueada, em função tanto dos tabus

como das dúvidas, pode ser liberada para a construção de diversos conhecimentos. Então, a todo momento da vida, quando criança, adolescente ou adulto, um trabalho sistemático voltado para os temas ligados à sexualidade é importante, pois a construção desta e da aprendizagem se dá intersubjetivamente e na relação do sujeito com sua família, escola, amigos, comunidade e meio sociocultural.

Para que se possam favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem – entendida como construção e apropriação do conhecimento –, é necessário contarmos com a paixão e a audácia dos educadores. Paulo Freire foi um desses professores. Dizia ele:

*Queria muito estudar, mas não podia porque nossa condição econômica não o permitia. Tentava ler ou prestar atenção na sala de aula, mas não entendia nada, porque a fome era grande. Não é que eu fosse burro. Não era falta de interesse. Minha condição social não permitia que eu tivesse educação... À medida que comia melhor, comecei a compreender melhor o que lia. Foi aí, precisamente, que comecei a estudar gramática, porque adorava os problemas da linguagem. Eu estudava filosofia da linguagem por conta própria, preparando-me, aos 18 ou 19 anos, para entender o estruturalismo e a linguagem. Comecei, então, a ensinar gramática portuguesa, com amor pela linguagem e pela filosofia e com a intuição de que deveria compreender as expectativas dos estudantes e fazê-los participar do diálogo. Em algum momento, entre os 15 e os 23 anos, descobri o ensino como minha paixão.<sup>2</sup>*

---

2 Freire, P. (1989). *À sombra das mangueiras também se aprende*. In: Gadotti, M. (1989). *Convite à leitura de Paulo Freire*, São Paulo: Scipione, p. 23.

Comecei minha vida profissional na educação: sempre tive muita curiosidade em saber o que fazia com que alguns professores fossem entusiasmados com o formar, e outros, não. Mais tarde, já psicanalista, passei a me aprofundar no estudo desse tema e aprendi com os professores apaixonados que formar é:<sup>3</sup> levar o outro a achar seu próprio caminho, a transformar-se, a evoluir, a refletir, a mover-se e a relacionar-se. É ir ao encontro dos próprios temas de interesse. Nesse processo, o professor apaixonado se coloca como mediador, facilitador ou catalisador do processo de formação, e, ao mesmo tempo, como alguém também se formando, movimentando-se, transformando-se, evoluindo, relacionando-se com trocas enriquecedoras e significativas. É um processo que se dá internamente, isto é, para dentro, e não para fora, tanto por parte de quem aprende como de quem ensina. Há algo de misterioso nisso. Ao lado do prazer, o processo de formação é descrito como uma passagem sofrida, dolorosa, que envolve ultrapassar umbral, ficando evidente a angústia da formação vivida por ambas as partes: aquela de criar um movimento. A disponibilidade para o inesperado, para que o desconhecido tenha lugar na atividade formativa implica uma qualidade do educador no manejo das diferenças, das divergências, presentes em todas as relações humanas.

A diferença se impõe como algo que vem a complementar, enriquecer, trazer a discórdia para que o novo e o desconhecido se desvelem, e possa emergir a criação. Mais importante do que buscar discípulos submissos, trata-se de encontrar curiosos fiéis à investigação na tentativa de que o conhecimento se movimente, desarranje-se e, então, como na arte, represente-se e adquira novos significados.

---

3 Silva, M. C. P. (1994). *A paixão de formar – da psicanálise à educação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Como diz Winnicott (1975), “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança e/ou adulto fruem sua liberdade de criação”; e ainda: “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e usar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)”<sup>4</sup>.

Usando o conceito cunhado por Winnicott, o formador cumpre a tarefa de ser mãe suficientemente boa, ilude e desilude e ainda possibilita, transferencialmente, a superação da dependência do aluno em relação a suas figuras parentais – movimento este necessário desde o início da vida e, por extensão –, em relação ao seu professor. O professor apaixonado seria a segunda mãe suficientemente boa, assim como a mãe que permite que o filho seja mãe, professor que permite que o aluno seja professor. Aqui, também está presente a concepção de Freud sobre o que seria uma educação bem-sucedida.

Propiciar um campo de ilusão na relação professor-aluno, em que se dê vazão ao sonhar, à criatividade, à curiosidade e à espontaneidade, mantém vivo o processo de aprendizagem.

Para isso, é necessário que a instituição formadora, como representante parental, dentro de uma visão pluralista e democrática, ofereça um ambiente acolhedor e estimulante para as ideias ainda incipientes de seus alunos, auxiliando o desabrochar do potencial de cada um. E isso tudo vale para os pais e para todo profissional que se ocupa, em alguma medida, de formar o outro.

Não encontrei no relato dos professores apaixonados nem regras nem métodos que garantissem a eficiência de sua pedagogia. Trata-se de recursos inconscientes, de sonhos e fontes de desejos infantis que não secam nunca, que nascem de si mesmos. E

---

4 Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, pp. 79-80.

esses recursos todos nós temos, só que, para alguns, estão mais à mão para instrumentalizar suas aulas, isto é, a via do inconsciente-consciente está menos obstruída, e, então, podem tomar posse desses recursos internos e tornar suas aulas apaixonantes, talvez suas vidas apaixonantes.

Há nos educadores corações apaixonados, o que possibilita que a paixão de formar tenha lugar, dê vazão e seja criativa, contribuindo para a práxis educativa. Um lugar onde o outro pode emergir como um ser pensante, assim como o professor também pode se manter criativo e pensante, sem que nenhum dos dois se torne escravo da paixão, sem cair no narcisismo escravizante da institucionalização, dando vazão a um saber livre e criativo.

O professor apaixonado é, então, aquele cuja chama se mantém; sua paixão não se apaga pelo fator idealização, não se entrega à erotização da relação professor-aluno, aquele que não cede à atuação da libido da pulsão do saber-paixão que o esvaziaria e o levaria a sair do lugar de quem transmite o saber. Permite que o outro se diferencie, que se discrimine, sem ter necessidade de tê-lo à sua imagem e semelhança. E, ainda assim, mantém vivos dentro de si a pulsão de saber, o entusiasmo, a curiosidade e o respeito pelas possibilidades de desenvolvimento e conhecimento de ambos, professor e aluno.

Esse é o desafio para aquele que tem a paixão de formar: criar uma situação lúdica, como jogo ou brincadeira, em que vai se dando a aprendizagem e o conhecimento se faz.

Concluo este Capítulo com as palavras de Rubem Alves, que ilustram sua curiosidade sexual infantil e seu desejo de conhecer, que dão o que pensar...

*A gente aprendia por conta própria, movido por uma curiosidade incontrolável. Só tardiamente descobri que meu pai era um mentiroso. Eu nada sabia sobre os fatos da vida e corria atrás dos galos machistas que subiam nas costas das galinhas segurando-as pela crista. Perguntei ao meu pai porque os galos assim batiam nas galinhas e ele me respondeu que, com certeza, era punição por alguma malcriação que tinham feito, o que me convenceu, em definitivo, a jamais fazer malcriações. A cena está absolutamente clara na minha mente, como se fosse agora: eu, agachado diante de um ninho onde uma galinha se esforçava por botar um ovo: imóvel, não se perturbava com a minha proximidade, olhos arregalados, o esforço era demais, e no orifício traseiro, róseo, o ovo que aparecia. Como profecia de um médico que não fui, eu fazia o “toque” para ver se faltava muito. Botado o ovo, eu o levava triunfante para a cozinha, onde o feto seria transformado em ovo frito. Havia, também, as moscas que voavam acopladas, em maravilhosa sincronia olímpica, na felicidade singular e poética de copular voando, graça que aos seres humanos é dada em ocasiões muito especiais, quais sejam, na conjunção de astros, em eclipses de lua, ou quando os amantes riem enquanto fazem amor. E havia também os cachorros, enganchados na mais ridícula das posições, um resfolegando, língua de fora, olhando para o norte, o outro resfolegando, língua de fora, olhando para o sul, o que nos fazia supor que o sexo era coisa ridícula, que não devia ser feito com a mulher amada.*

*A gente aprendia olhando e pensando os objetos que habitavam o mesmo espaço que nós. E foi assim que eu, equivocadamente, elaborei um princípio pedagógico*

*que diz que a aprendizagem acontece no espaço habitado, espaço onde criança, sensações, sentimentos, bichos, coisas, ferramentas, cenários, situações, pessoas e atividades acontecem e formam um mundo. Eram os objetos do cotidiano, a gente não precisava de enciclopédia para fazer pesquisa. Pesquisa se fazia com os cinco sentidos e a curiosidade.*

*Segundo o que penso, e seguindo minha filosofia da aprendizagem, o corpo aprende apenas aquelas coisas com as quais está em contato. A aprendizagem é uma função do viver. A gente aprende para sobreviver e para viver melhor, com alegria. Mas a vida tem a ver com a relação direta do corpo com o seu meio. Por isso a aprendizagem começa com os sentidos: o ver, o ouvir, o cheirar, o tocar e o gostar. Para os que só pensam com o auxílio de citações: Magister dixit! Assim falou Marx, que a tarefa da história é a educação dos sentidos!<sup>5</sup>*

---

5 Alves, R. (1997). Sobre a vida amorosa das estrelas do mar. In: *Cenas da vida*. Campinas: Papyrus, pp. 105-107.



*Quanto a nossa vivência com as crianças não nos ensinou?* Com certeza muito, porque é na relação professor-aluno que se amplia nosso conhecimento e, assim como acontece com as crianças, desperta nossa curiosidade.

Sempre é bom revisitar textos e experiências vividas para continuar aprendendo. Como diz a música, *navegar é preciso, viver não é preciso*. Ao reler os relatos que compõem *Sexualidade começa na infância*, os quais são baseados na experiência de formação de educadores na área da sexualidade, pude confirmar a importância do trabalho realizado, a riqueza da vivência, a valorização do conhecimento contextualizado na prática cotidiana e o quanto aprendemos conjuntamente, capacitadores e capacitados.

***Maria Aparecida Perez***

*Secretária da Educação do Município de São Paulo – 2003-2004*

PSICANÁLISE &  
EDUCAÇÃO

ISBN 978-65-5506-422-3



9 786555 064223



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Sexualidade começa na infância

---

Maria Cecília Pereira da Silva

ISBN: 9786555064223

Páginas: 309

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022

---